



A *PARRESÍA* PAULINA E SUAS PERSPECTIVAS: UMA ANÁLISE TEOLÓGICA DA LINGUAGEM FRANCA A PARTIR DE Ef 6,19

(Paul's *Parresía* and its perspectives:
a theological analysis of frank language as from Eph 6,19)

Túlio Felipe de Paiva

Mestrando em Teologia pela PUC/SP

E-mail: tuliof.paiva@gmail.com

RESUMO

Nos escritos do Novo Testamento, de modo especial nas cartas paulinas, podemos notar uma presença significativa do termo grego *parresía*, ou linguagem franca. Esse termo não somente era, no período contemporâneo a Paulo, um instrumento retórico-linguístico, como uma atitude a ser tomada, seja pelo orador, seja pelo autor epistolar frente aos seus destinatários. Em Ef 6,19, vemos presente esse termo e sua relação com a missão evangelizadora do autor. Ainda mais, esse conceito não somente foi uma função linguística para os escritos e ações do tempo de Paulo, senão que pode ter uma eficácia nos tempos atuais.

Palavras-Chave: *Parresía*; Linguagem Franca; Paulo; Efésios.

ABSTRACT

Within New Testament writings, but in a special way in Paul's letters, we can observe a significant presence of the greek term *parresía*, or frank language. This term was not only a rhetorical-linguistic instrument, on Paul's contemporary time, but an attitude made by the speaker, or by the epistolar author before his recipients. On Eph 6,19, we see this term and its relation with the evangelizing mission of the author. Moreover, this concept was not only a linguistic function for Paul's writings and time actions, but it can have an effectiveness in present time.

Keywords: *Parresía*; Frank Language; Paul; Ephesians.

INTRODUÇÃO

O presente artigo visa a abordar a importância e o significado da palavra *parresía* no *Corpus Paulinum*, partindo da premissa básica e fundamental do uso do termo, tanto como instrumento retórico utilizado pelos escritores e oradores contemporâneos ao apóstolo Paulo e seus discípulos, como também o seu sentido teológico, a partir da carta aos Efésios 6,19. O texto pretende analisar esse termo de modo basilar, permanecendo sempre aquém da completude de significados que possui o termo *parresía*. Trata-se de um assunto amplo, polissemântico e polivalente. Assim sendo, este artigo se reserva apenas o intuito de um esboço sobre a linguagem franca.

Antes do mais, para uma melhor compreensão da leitura do artigo, vale apresentar o significado etimológico da palavra grega Παρρησία (*parresía*). Essa palavra, muito utilizada no mundo greco-romano, tem por significado mais claro a linguagem franca, franqueza, ousadia no falar, clareza de linguagem. Ela, em diversos textos da época precedente, como



também contemporâneos com os textos neotestamentários, podia adquirir outros significados, inclusive até nos textos canônicos. O termo, com frequência, pode indicar também coragem, confiança ou destemor. O sentido, no entanto, em que pretendemos abordar a sua relação nos Escritos Paulinos, de modo particular em Ef 6,19, é justamente o da linguagem franca, como também da referência que o autor faz a algo dito com clareza e franqueza, contrastando assim com declarações feitas de modo secreto ou velado¹.

Partindo assim de uma análise do termo, este artigo pretende abordar, de modo breve, tanto seu sentido retórico como seu sentido teológico, quais as suas perspectivas e implicações no apostolado paulino e de seus seguidores, como também qual importância possui este termo para os dias hodiernos, em que nos diversos âmbitos da sociedade - sociedade esta onde é possível notar um crescimento de uma realidade relativista e descartável² - a presença de uma linguagem clara e distinta tem se tornado cada vez mais difícil.

Por conseguinte, vale salientar ainda que este texto inspira-se, sobretudo, no artigo de J.Paul Sampley, “Paulo e a Linguagem Franca”, associado a outros textos presentes na bibliografia.

1. A *PARRESÍA* E O CONTEXTO PAULINO

Como já podemos esboçar na introdução deste artigo, o termo *parresía* exerceu grande influência nos escritos contemporâneos à formação do que hoje conhecemos como Cânon do Novo Testamento. “No tempo de Paulo, o discurso direto ou franco (*parresía*) era menos frequentemente empregado na deliberação pública, mas era certamente parte essencial do modo como as dinâmicas sociais percorriam todo o seu caminho até a base da pirâmide social. Onde havia amizade, a linguagem franca era crucial para ela se manter”³.

Assim sendo, vemos que na arte da retórica a *parresía* possuía um papel de grande importância, pois ela era um instrumento mais que necessário para fazer chegar aos destinatários, seja das epístolas, seja dos ouvintes de um discurso, a autenticidade do que de fato se pretendia dizer. Veremos mais à frente outro aspecto da linguagem franca, contudo, por ora vale lembrar que a *parresía* não possui um fim em si mesma, isto é, ela não pretende ser o objetivo final do discurso, senão que é um artifício retórico da oratória para se chegar ao intuito desejado. Ela permite ao remetente atingir o seu objetivo final.

Jean Paul Sampley, ao analisar de modo amplo o termo *parresía* nos escritos do mundo greco-romano atesta, afirmando previamente que a *parresía* é uma característica de uma relação instituída pela amizade, que

os que fazem obra de amizade, ou seja, os que dirigem a outros uma linguagem franca são muitas vezes apresentados como pessoas que admoestam, instruem ou fazem apelos a eles. [...]. A *parresía* ocorre sempre que alguém diretamente questiona ou pede um reexame do comportamento, prática ou ação visada de um outro. Vai desde o apelo até a censura, com multiformes variações entre os dois⁴.

¹ No decorrer do texto, para uma melhor compreensão, utilizaremos ora o termo grego grafado em letras do nosso alfabeto (*parresía*), ora com o seu sinônimo escolhido para este trabalho, isto é, linguagem franca.

² Cf. FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*, n.2.

³ SAMPLEY, p. 255.

⁴ Idem, pp. 261-262.



Por conseguinte, para compreender um pouco mais sobre o uso deste artifício linguístico no campo retórico, vale apresentar ainda o que analisa o supracitado autor:

A linguagem franca requer raciocínio moral; exige do destinatário que empreenda uma reflexão, deliberação, autoavaliação reflexiva para decidir entre continuar na atual direção e mudar. A linguagem franca fornece o contexto para a autoavaliação e sugere a autocorreção. A *parresía* não força a mudar. Solicita mudança, mas o destinatário permanece o agente moral e deve sopesar a questão para decidir qual resposta é apropriada⁵.

Partindo dessa premissa apresentada por Sampley, podemos ver claramente como o uso da *parresía* desempenhou forte influência no mundo greco-romano, do mesmo modo exerceu um grande papel no apostolado paulino. Como vimos as características *parresiásticas* na citação acima, podemos também averiguá-las nos escritos do Apóstolo dos gentios e de seus discípulos. É muito claro, ao lermos alguma das cartas de Paulo, como ele, utilizando-se da força e da coragem de anunciar o Evangelho, busca exortar as suas comunidades, sempre à luz da Boa Nova de Cristo, a viver de acordo com a Palavra que lhes fora anunciada. Para tanto, Paulo sempre os encoraja e os estimula a uma mudança de comportamento ou de atitudes morais (cf. Rm 2,12-14; 17-29; 1Cor 5, 9-13; 6,12-14), como às vezes também os censura por práticas ilícitas ou não coerentes com o anúncio que lhes fora feito.

Em suas cartas, são diversas as vezes em que aparece redigido o termo *parresía* e, se não aparece graficamente, podemos notar sua presença por meio da atitude que exerce Paulo na sua relação com suas comunidades.

Neste ponto é necessário apresentar uma segunda característica do termo *parresía*. Talvez, mais do que uma segunda característica, um aspecto intrínseco do termo. Vimos como a linguagem franca possuía um papel instrumental prático para os escritos da época. Vimos ainda como ela não tinha por finalidade ser o fim do discurso ou das cartas, porém auxiliava o orador no seu objetivo. Além desta característica instrumental, a *parresía* possui ainda outro atributo, que é a reação que ela produz na vida daquele que dela se utiliza. Melhor compreendendo, o uso retórico da linguagem franca imprime, ou às vezes requer previamente, um agir coerente com o termo, uma atitude que corresponda ao seu sentido retórico. Não se trata somente de um mero artefato linguístico, como também de uma ação primordial do escritor ou orador. É uma questão de caráter ou de *ethos*. Trata-se de um agir *parresiástico*, de um atuar coerente com a *parresía*.

Para uma apurada compreensão, ao tratar do assunto, Sampley apresenta uma breve descrição do que seja o *ethos*. Sendo assim, é possível abarcar melhor a influência que desenvolve a *parresía* na vida de uma pessoa, seja ela a que se utiliza deste instrumento linguístico, seja a pessoa que recebe a função deste instrumento. “O *Ethos* é um termo abrangente que designa a postura total do indivíduo ou seu caráter: sua marca distintiva ou identidade essencial, aquelas qualidades específicas que indicam quem uma pessoa realmente é – particularmente as qualidades morais que são fortemente desenvolvidas e notavelmente mostradas com uma permanente consistência. Todas as ações e palavras de uma pessoa contribuem para seu *ethos*”⁶.

⁵ Idem, p. 261.

⁶ SAMPLEY, p. 260.



Sendo assim, podemos considerar que a *parresía* possui uma ação na vida daquele que se utiliza deste instrumento. Ela “recorre a um reservatório de boa vontade construído por uma vida coerente, cujos valores presidem ao comportamento daquele que fala francamente”⁷.

Com base nos argumentos supracitados e analisando alguns textos de teólogos que comentam as cartas paulinas, entre eles Sampley, podemos atestar que Paulo conhece e se utiliza da *parresía* como instrumento de grande força, respeitando sempre as convenções de seu tempo⁸. Veremos no seguinte tópico como Paulo se utiliza da *parresía* em algumas de suas principais cartas, e no capítulo seguinte a sua presença na carta aos Efésios, tendo por base a seguinte perícope: Ef 6,19. A partir dessa citação, poderemos ver como a *parresía* não serviu somente como um instrumento linguístico, como também se tornou, na vida do apóstolo e de seus seguidores, um agir, uma ação que permeou toda a missão evangelizadora de Paulo e de seus colaboradores, aqueles que seguiram seus passos no ardor missionário por anunciar o Evangelho de Cristo. Ainda mais, poderemos ver claramente como a *parresía* exerceu um papel fundamental na relação com suas comunidades e na fidelidade destas ao ensinamento que lhes era transmitido.

2. UMA ANÁLISE TEOLÓGICA DA *PARRESÍA* A PARTIR DE PAULO

Nos Escritos Paulinos o termo grego *parresía* aparece diversas vezes, tanto em 2Cor 3,12; 7,4; Ef, 3,12; Ef 6,19; Fl 1,20; Cl 2,15; Fm 8; como também na carta pastoral a Timóteo (1Tm 3,13). De outro modo, é possível notar em quase todas as cartas de Paulo o seu agir *parresiástico*. Assim sendo, ainda que no texto grego não apareça explicitamente o termo *παρησιία*, é notório o agir do apóstolo segundo uma conduta *parresiástica*. Contudo, buscaremos no presente tópico averiguar a presença da linguagem franca dentro da missão apostólica de Paulo, baseando-nos em algumas citações daquelas que são consideradas cartas proto-paulinas, ou melhor, que sem nenhuma dúvida são escritos que possuem por autor o próprio Paulo. Não entraremos aqui nos pormenores específicos das situações e problemáticas de cada carta, mas apenas esboçaremos alguns exemplos para uma breve panorâmica sobre a *parresía* em Paulo⁹.

Segundo Sampley, não é possível duvidar que haja uma presença *parresiástica*, sobretudo na carta aos Gálatas. Tomaremos assim, como exemplo *parresiástico* propriamente paulino, a atitude do apóstolo na carta que escreveu aos fiéis da Galácia, apresentando logo após uma breve panorâmica sobre a linguagem franca em algumas outras cartas proto-paulinas.

⁷ Ibidem.

⁸ Cf. Idem, p. 262.

⁹ Dentro do conjunto de cartas que conhecemos como “Corpus Paulinum”, quatro destas cartas são atribuídas e aceitas no mundo exegético, sem nenhuma dúvida, a Paulo. São elas a Carta aos Romanos, a Carta aos Gálatas e a 1 e 2 aos Coríntios. Estas cartas também são conhecidas como proto-paulinas, i.é., de autoria do próprio Paulo. Elas se assemelham no que diz respeito às questões como “estilo, vocabulário e características literárias de todos os tipos, e apresentam ideias e doutrinas tão parecidas, que praticamente nenhum erudito sério tem duvidado que todas elas tenham saído da mesma pena, e que o seu autor foi o apóstolo Paulo” (CHAMPLIN, Russel Norman, p. 672). Além destas quatro cartas, outras cinco cartas são aceitas como autoria paulina, sendo elas a Carta aos Colossenses, aos Filipenses, 1 e 2 Tessalonicenses e a Carta a Filêmon.



Na carta aos Gálatas, Paulo, por não poder estar presente fisicamente, escreve-lhes uma carta, pois denota que as igrejas da Galácia estão inclinadas a caminhar rumo a uma situação perigosa. Trata-se da influência que essas igrejas sofrem por parte de alguns forasteiros que, interferindo na vida destes cristãos, buscam convencer-lhes de voltar a seguir práticas religiosas judaicas, já não necessárias, segundo o apóstolo, após receberem a novidade do Evangelho de Cristo. “Com força [Paulo] lhes recorda suas anteriores advertências [(Gl 1,9)]. Chama-os de ‘loucos’ ou ‘insensatos’ (ἀνόητοι, *anoētoi*) e sugere que podem ter sido vítimas de um feitiço [(Gl 3,1-3)]”¹⁰. Para essas comunidades, Paulo se dirige, utilizando da linguagem franca, numa realidade que pode ser dividida em três aspectos: “1) a relação deles com o Evangelho e com Paulo; 2) a incorreta avaliação deles do modo como estão se comportando e do rumo que estão tomando (primeiras questões para a linguagem franca); 3) as implicações se eles fossem adiante”¹¹.

Como primeiro aspecto, no início da carta aos Gálatas, Paulo revigora a sua relação com essas comunidades, recordando-lhes de que modo ele agiu no passado e como, no presente, se preocupa com essas igrejas. Paulo se coloca como modelo, apresentando-lhes assim o seu *ethos*. “Entre os detalhes de sua vida passada, Paulo seleciona aqueles instantâneos que não apenas encorajam os gálatas a identificar-se com ele, mas também os ajudam a ver mais claramente que Paulo tem manifestado a segurança e a coerência de um verdadeiro amigo”¹². Em outras palavras, ao manifestar-se aos gálatas como modelo, Paulo recorda-lhes que assim como ele teve a sua vida transformada por Deus, assim também os cristãos dessas igrejas da Galácia experimentaram que somente Deus transformou e orientou as suas vidas. Não compete a nenhum ser humano a transformação por eles experimentada. E é justamente nesse ponto que Paulo investe, com *parresía*, contra o “outro” evangelho e aqueles que o estão seguindo¹³ (cf. Gl 1, 6-10). Nessa citação é notório o vigor com que Paulo exorta estas comunidades à fidelidade ao Evangelho de Cristo; é patente ainda como ele, com valentia, denuncia a rapidez com que os gálatas passaram do Evangelho anunciado por ele mesmo, i.é., o Evangelho de Cristo, a outro evangelho, como ele descreve (cf. Gl 1,6).

Neste aspecto, ao analisarmos na carta aos Gálatas a franqueza de Paulo ao orientar e corrigir as suas comunidades, podemos notar como ele se relaciona de verdade como um amigo, preocupado pelo rumo com que os cristãos daquela região estão tomando. Sobre isso, Sampley apresenta uma comparação, imaginando qual seria a reação de dois grandes oradores do mundo greco-romano, i.é., Filodemo e Plutarco, ao se deparar com a atitude de Paulo:

Filodemo e Plutarco haveriam de reconhecer imediatamente que, nas narrativas de Paulo sobre episódios de sua vida, temos alguém eminentemente qualificado como verdadeiro amigo, experimentado e verdadeiro através de todos os testes que a vida pode oferecer. Com isso, Paulo tenta persuadir os fiéis gálatas de que ele merece a confiança deles na “verdade do evangelho” e no delinear o comportamento que lhe é adequado. Os capítulos iniciais [da carta aos Gálatas] o apresentam como eminentemente qualificado para realizar a “obra de amizade” pelo uso da franqueza [*parresía*] a fim de adverti-los dos perigos da ação que planejam¹⁴.

¹⁰ SAMPLEY, pp. 262-263.

¹¹ Idem, p. 263.

¹² Ibidem.

¹³ Cf. SAMPLEY, p. 264.

¹⁴ Ibidem.



Desse modo, é mister apresentar ainda como o uso da *parresía* pode acarretar certas consequências àquele que a utiliza. Trata-se da rejeição que ela pode produzir naqueles que são admoestados. “Paulo [na carta aos Gálatas] conhece o risco da linguagem franca, como indica a sua pergunta a respeito de tornar-se inimigo dos gálatas (Gl 4,16)”¹⁵. Ainda mais, “é dever de um amigo aceitar o ódio que provém da admoestação dada quando assuntos importantes e de grande solicitude estão em jogo. Como amigo, e também como apóstolo [...], Paulo simplesmente não pode permitir que os gálatas continuem descendo pelo caminho errado sem sua contestação”¹⁶.

Após essa breve análise da atitude *parresiástica* paulina na carta as Gálatas, passamos agora a averiguar a presença da linguagem franca em algumas outras cartas do apóstolo dos gentios. Como vimos, são várias as citações nas cartas paulinas em que aparece a franqueza de Paulo ao se relacionar com suas comunidades. Em 2Cor 7,4 o termo *parresía* possui um sentido ligeiramente diverso quanto ao franco falar ou ousadia de linguagem. Pode até significar uma simpatia, uma confiança que possui Paulo na sua relação com os coríntios¹⁷. Porém, em 2Cor 3,12, a *parresía* possui aquele sentido em que se pretende expor o presente trabalho. Trata-se de uma ousadia no falar. Ainda mais, ao antepor à palavra *παρρησία* o adjetivo *πολλή* (*pollê*, muito), o autor da carta atribui, sobretudo, uma maior ênfase à sua atitude de ousadia. “O apóstolo fora acusado de leviandade e pouco caso em suas palavras e em suas ações, somente porque modificara seus planos de viagem [(cf. 2Cor 1,17)]. Ao contrário, o seu ministério se caracterizava por grande ousadia no falar, porquanto estava sobrenaturalmente convencido da verdade e do poder da mensagem que anunciava”¹⁸.

Por conseguinte, em Fl 1,20 o termo *parresía* designa também certa ousadia. Paulo necessitava de coragem, seja em suas palavras, seja em suas atitudes, para poder cruzar as vicissitudes que enfrentava, adquirindo assim forças para testemunhar Cristo, embora se encontrasse em grandes dificuldades¹⁹.

Desse modo, tanto em 2Cor 3,12 como em Fl 1,20 vimos dois exemplos de linguagem franca em Paulo, dos quais podemos conferir que a *parresía* fornecia ao apóstolo não somente uma figura retórico-instrumental, como também uma atitude de vida. Paulo se dirige às suas comunidades, em vista de alguns problemas que haviam surgido, utilizando-se de *parresía* para exortá-los, corrigi-los e animá-los. Porém, ele mesmo, diante de problemas na missão, se sente necessitado de uma atitude *parresiástica* para poder enfrentar as dificuldades de seu ministério evangelizador.

Destarte, passaremos agora a uma melhor compreensão de *parresía* na carta aos Efésios. Trata-se de uma carta deutero-paulina, isto é, uma carta que mui provavelmente não foi escrita a próprio punho por Paulo e sim por seus discípulos ou comunidades. Este adendo, buscaremos apresentar de modo sintético, porém visando a abordar sempre a importância da linguagem franca neste escrito.

¹⁵ Idem, p. 267.

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ Cf. SCHLIER, p. 921.

¹⁸ CHAMPLIN, vol. 4. p. 402.

¹⁹ Cf. CHAMPLIN, vol.5, p. 24.



3. A *PARRESÍA* EM Ef 6, 19

A assim chamada carta aos Efésios faz parte de um conjunto de cartas que conhecemos na atualidade por cartas deutero-paulinas. Estas são assim denominadas pois os recentes estudos têm concluído que, muito provavelmente, são epístolas que não foram escritas pelo próprio Paulo, e sim por seguidores do apóstolo. A carta aos Efésios até o século XVIII era reconhecida como um escrito propriamente paulino. Porém, em 1792, E. Evanson duvidou pela primeira vez da autenticidade paulina da carta. “Desde então, a carta que proclama a mensagem da unidade e o ‘evangelho da paz’ não teve mais paz, porque foi submetida às análises e contra-análises dos autores, seja por parte dos que defendiam ferozmente sua autenticidade paulina, seja por parte dos que obstinadamente a negavam”²⁰.

Mesmo sendo esta a realidade quanto à autoria da carta, ou quanto à data de sua composição, ela não perde absolutamente o seu caráter sagrado e canônico²¹. Sendo assim, a análise a seguir busca um estudo sobre a *parresía* na carta em questão, de modo particular no versículo 19 do capítulo 6. A dúvida sobre a autenticidade da carta não desmerece de forma alguma o estudo sobre a linguagem franca nesse escrito, pois, se levarmos em conta que essa carta foi escrita, não por Paulo e sim por seus discípulos, e ainda assim encontrarmos uma presença *parresiástica* nesta epístola, convém afirmar então que este aspecto da ousadia e clareza no falar (*Παρρησία*) foi uma característica tão proeminente na vida do apóstolo dos pagãos, que esta mesma atitude permeou a vida de seus discípulos e colaboradores.

Não seria correto falar atualmente desta carta sem mencionar as dúvidas, certamente dignas de atenção, que se observam quanto à sua autenticidade paulina. De todos os modos, também não seria correto transformar essas dúvidas em sentença inapelável e, muito menos, em virtude delas, deixar de lado uma das mensagens que mais influíram na história do cristianismo. Porque a mensagem está aí, ainda que quem a tenha redigido não fosse mais que um discípulo de Paulo²².

Na citação de Ef 6, 19, é possível encontrar não somente o termo grego *παρρησία* como também a atitude de um agir *parresiástico* do autor. Apresentamos a seguir o texto em grego com sua tradução ao português. Isto nos permitirá seguir adiante ao fazermos menção sobre este versículo.

Ef 6,19:

“καὶ ὑπὲρ, ἵνα μοι δοθῆ λόγος ἐν ἀνοίξει τοῦ στόματός μου, ἐν παρρησίᾳ γνωρίσαι τὸ μυστήριον τοῦ εὐαγγελίου”.

“[Orai] e também por mim, para que, quando abrir os lábios, me seja dada a palavra para anunciar com ousadia o mistério do evangelho²³”.

Após apresentar a citação em análise, podemos observar que ao considerarmos os escritos paulinos, é possível conferir que “a *parresía* representa uma dimensão preeminente da existência cristã em geral e apostólica em particular (cf. Fl 1,20; Ef 3,12), e se manifesta na

²⁰ FABRIS, p. 131.

²¹ Cf. Idem. p. 137.

²² BOSCH, p. 357.

²³ Na tradução, o termo *παρρησία* pode ser traduzido também como intrepidez, franqueza ou clareza.



pregação do evangelho (cf. Ef 6,19)”²⁴. Desse modo, na circunstância em que vem empregado o termo *παρρησία* em Ef 6,19, o autor da carta exorta e pede aos seus destinatários que orem por ele, para que lhe seja dada ousadia (franqueza) para anunciar o mistério do evangelho. Sendo assim, o contexto em que aparece a linguagem franca é o da missão evangelizadora. O missionário pede orações para levar à frente o serviço a ele confiado, pois necessita antes do mais, de *παρρησία* para exercê-lo. Não somente *παρρησία* para cumprir sua missão, como principalmente para anunciar com intrepidez a boa notícia. Permanece, porém, as seguintes perguntas: Por que obter a *parresía* para anunciar o Evangelho? Qual a função e a importância dela no ministério do pregador? Há diferença entre anunciar o evangelho com ou sem atitude *parresiástica*?

Antes de entrarmos nas questões acima, é mister ainda apresentar outro aspecto do contexto em que se encontra a citação em análise. Trata-se dos últimos versículos da carta antes da saudação final. Nessa perícopes, o autor da carta apresenta uma exortação à sua comunidade, encorajando-a à assiduidade na oração e a não levar em conta as circunstâncias externas. “Também neste caso, a dedicação à oração não é um exercício autônomo, mas um dom alimentado pelo Espírito, que é a alma ou estímulo interior da oração”²⁵. É, por conseguinte, neste contexto da oração que aparece o pedido do autor à sua comunidade de orar por ele.

No fundo dessa descrição, está o modelo do profeta que recebe de Deus a palavra, e da testemunha autorizada que enfrenta com liberdade e franqueza (*parresía*) o público. Oração constante, sustentada pelo Espírito, e anúncio corajoso e livre da palavra representam duas situações eminentes do combate; cada cristão é convidado a revestir-se da verdade, da fé, da justiça, para anunciar com ímpeto o evangelho da paz; e, no final, obter a salvação, a vitória final prometida aos que perseverarem²⁶.

Destarte, podemos conferir, analisando a citação acima, que o anúncio do evangelho deve ser revestido de *parresía*. O pedido para a obtenção da ousadia ao anunciar que faz o autor, torna-se assim um modelo, um paradigma, pois para anunciar a palavra da Verdade, não pode abster-se da coragem. O anúncio da boa nova requer assim, uma atitude de vigor, de coerência com o conteúdo anunciado. Pois neste anúncio está contido o mistério da salvação dos homens, como vemos presente na própria carta aos Efésios: “Mas Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, quando estávamos mortos em nossos delitos, nos vivificou juntamente com Cristo – pela graça fostes salvos! – e com ele nos ressuscitou e nos fez assentar nos céus, em Cristo Jesus, a fim de mostrar nos tempos vindouros a extraordinária riqueza da sua graça, pela bondade para conosco, em Cristo Jesus” (Ef 2, 4-7).

CONCLUSÃO

No decorrer do texto, vimos como o conceito de *parresía* não somente exerceu grande influência no mundo greco-romano do período anterior e logo seguido da nossa era, senão que este mesmo conceito permeou e influenciou de modo singular os escritos neotestamentários, de maneira particular os escritos paulinos. Nesses escritos, podemos analisar

²⁴ SCHLIER, p. 919.

²⁵ FRABRIS, p. 205.

²⁶ FRABRIS, p. 206.



panoramicamente como a função retórico-linguística da ousadia no falar esteve presente na vida do apóstolo Paulo e de seus discípulos.

Todo estudo está condicionado, tanto pela situação histórica e pensamento do objeto ou personagem, como pelas circunstâncias, novas ferramentas de estudos e pensamentos do sujeito que interroga as fontes. Isso possibilita não somente uma atualização da linguagem e seus conteúdos, senão também um melhor conhecimento especializado sobre os aspectos constitutivos da realidade estudada. Tais condições modificam e enriquecem os estudos posteriores.

Dessa forma, a linguagem franca não somente pode servir de base para uma análise da realidade atual, senão que ela é e pode ser plenamente colocada em prática nos tempos hodiernos. Assim como averiguamos no texto, de modo especial na carta aos Efésios 6,19, a função da *parresía* nos escritos paulinos estava vinculada à evangelização e à relação do missionário com suas comunidades. Para o autor da carta que analisamos brevemente, o anúncio do Evangelho deve ser acompanhado por uma atitude *parresiástica*. Podemos, nos dias atuais, tomar esta realidade não somente como exemplo ou modelo, como também como necessidade para a evangelização à qual cada cristão de nossos dias é chamado a participar.

Nos tempos hodiernos, e mais especificamente no âmbito eclesial, buscam-se diversas formas de linguagem para conseguir (ou ao menos começar a) atingir e alcançar o homem dos nossos dias. São diversos os métodos e formas que se aprendem e que são colocados em prática, todavia que não poucas vezes permanecem sem grandes resultados. A *parresía* torna-se, assim, um grande artefato intrínseco à missão evangelizadora. Pois não anunciamos, como vimos no terceiro capítulo, uma palavra qualquer, e sim a vida dos homens, anunciamos o mistério da salvação de todo o gênero humano, e esse mistério não merece ser levado a conhecimento sem uma linguagem franca, sem liberdade e coragem.

Finalizando, podemos afirmar que o presente texto não pretendeu absolutamente realizar uma reminiscência do termo, mas apresentar quão importante era esta ferramenta linguística para o apóstolo dos gentios e como é possível, nos dias atuais, ainda aprender com esse método.

BIBLIOGRAFIA

- BARBAGLIO, Giuseppe. **La teologia de San Pablo**. Salamanca: Secretariado Trinitario, 2005.
- BÍBLIA de Jerusalém*. São Paulo: Paulinas, 1989. Nova edição, revista.
- BOSCH, Jordi Sánchez. **Escritos Paulinos**. Col. Introdução ao Estudo da Bíblia, v. 7. São Paulo: Ave Maria, 2002.
- CHAMPLIN, Russel Norman. **O Novo Testamento Interpretado versículo por versículo**. Vol. 4. São Paulo: Hagnos, 2014.
- _____. **O Novo Testamento Interpretado versículo por versículo**. Vol. 5. São Paulo: Hagnos, 2014.
- FABRIS, Rinaldo. **As cartas de Paulo (III)**. São Paulo: Loyola, 1992.
- FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o Anúncio do Evangelho no Mundo Atual**. Brasília: CNBB, 2013.



SAMPLEY, J. Paul. **Paulo e a linguagem franca**. In: SAMPLEY, J. Paul (org.), “Paulo no mundo greco-romano”. São Paulo: Paulus, 2008, pp. 255-278.

SCHLIER, H. Παρρησία, παρρησιάζομαι. In: G.L.N.T. vol. IX. Brescia: Paideia, 1965, pp. 900-932.

TERRA, D. João E. M. **Cartas de São Paulo**. Revista de Cultura Bíblica, n. 95/96. São Paulo: Loyola, 2000.